







*pra Ouro Preto com uma velha japona da Aeronáutica, eu cobria os botões da japona com fita adesiva colorida para a japona ficar mais “civil”... Ouro Preto é frio! E eu viajava com o mesmo saco de lona com fundo de couro que recebi quando entrei como recruta na Base Aérea do Recife em 1957. O pessoal da repressão observava tudo isso e ficava espalhando o boato: –Olha aquele ali é do SNI ....eu acho que até o pessoal da repressão ficava em dúvida ....acho que eu perdi muita coisa por causa dessa dúvida.... Inclusive aqui na Universidade Católica, quando eu estudava jornalismo, o pessoal tinha medo de mim....um cara que era meu amigo e depois eu soube que ele disse a algumas pessoas que tivessem cuidado comigo. Mesmo depois que eu deixei a Aeronáutica, eu gostava de andar de botas (borzeguins)... as botas da Aeronáutica eram muito gostosas de andar, entendeu? Eram umas botinhas pequenininhas, eu as conseguia com ex-colegas da ativa. Eu ia pra Escola de Belas Artes de botas...isso era a maior gozação do mundo. (pausa para escutar os bem-te-vis).*

IM – Como a arte entrou na sua vida?

*DS –Em Salvador eu já fazia gravura e desenhava muito bem. Quando fui fazer o teste de desenho para ocupar o cargo de desenhista publicitário, o gerente da loja, seu Antonio, um português, mandou dispensar os outros candidatos dizendo “o cargo já foi preenchido”. O desenho era um estojo de couro com zíper de metal, aberto, onde se via um aparelho de barbear Phillishave dentro dele. A técnica foi bico-de-pena sobre papel canson. Esse tipo de desenho era ideal para fazer clichês para jornal porque não exigia retícula para os meios—tons. A fotografia exigia retícula. O desenho feito a bico de pena não exigia retícula porque o desenhista já fazia o meio tom à pena. O clichê saía em traço, sem usar retícula. Atualmente é a mesma diferença entre vetor e bitmap.*

IM – Como você foi parar em São Paulo? O normal não seria voltar para o Recife?

*Eu fui para a rodoviária de Salvador sem destino certo. De onde eu estava, o guichê da empresa de ônibus que ia para São Paulo era mais perto do que o guichê da empresa que fazia a linha para o Recife. Comprei a passagem para São Paulo, onde cheguei em novembro de 1966. Mas veja que curioso: Na viagem, sentou-se ao meu lado um rapaz que se disse motorista da Mesbla. Estava indo para São Paulo buscar um carro e me indicou um hotel no centro da cidade, (Hotel Tatuí) onde acabei passando só uma noite, porque era muito caro. Eu tenho certeza que esse camarada foi destacado pra me vigiar!*

IM –Como foi a saga de um migrante nordestino numa metrópole como a São Paulo daquela época?

*Depois da primeira noite no Hotel Tatuí, mudei para uma pensão mais barata, a Hospedaria Tupinambá, na zona do meretrício perto da estação rodoviária. Eu não sabia. Nos primeiros dias eu saía andando pelo Vale do Anhangabaú começando pela Rua Santa*





*no de Ouro Preto. Trouxemos para o Recife artistas e escritores como Hélio Oiticica, Ivald Granato, Júlio Bressani, Regina Vater, Roberto Aguillar, Décio Pignatari... Paulo Bruscky conhecia todo mundo, eu não conhecia ninguém.*

IM – Após 20 anos de trabalho em conjunto, já com uma carreira consolidada, parece que prevaleceram as diferenças de temperamento e a dupla se afastou, não sem uma dose de ressentimento, especialmente no campo autoral. Vou ler aqui um trecho de uma entrevista sua concedida à pesquisadora Joana Lima, em 2009, para você comentar, se quiser:

*A equipe [Bruscky & Santiago] foi-se desmanchando suavemente, como a luz das estrelas desaparece à luz da madrugada. Daí pra cá, eu comecei a morar aqui (Piedade, Jaboatão dos Guararapes), e o Paulo Bruscky morava na cidade [Recife], e a gente deixou de trabalhar junto. E era preciso mesmo, porque ele precisava trabalhar sem Daniel Santiago. Trabalhar sem Paulo Bruscky é difícil porque, quando é pra fazer alguma coisa, eu preciso de um cara pra fazer pra mim, entendeu? E nisso o Paulo Bruscky é bom!*

O que você queria dizer com isso?

DS – *Eu quero dizer que todos os trabalhos que eu fiz com a Equipe Bruscky & Santiago são ideias minhas. Ele [Bruscky] pegava o trabalho prontinho e executava. As ideias que ele tinha, ele fazia e assinava sozinho. As minhas ideias para a Equipe, ele executava e assinava em conjunto comigo. Paulo Bruscky é um grande produtor e um businessman. Se atualmente eu tivesse um produtor como Paulo Bruscky para fazer o que eu tenho engavetado eu estaria rico, na Europa. Mas o que passou, passou. Eu sou do signo de Touro, meus caminhos não têm volta. Não acredito em horóscopo, mas que é verdade, é.*

IM – Vocês ficaram nacionalmente conhecidos ao serem presos após o fechamento da II Exposição Internacional de Arte Correio que, segundo registro no *Curriculum Vitae* da Equipe, “foi fechada, pela Polícia Federal, cinco minutos após a sua abertura oficial, e todos os trabalhos foram recolhidos para investigação.” Como foi essa experiência?

DS – *Eu não me interessei de imediato por Arte Correio, como o Paulo Bruscky se interessou. Eu achava que era bobagem, negócio de corrente, essas coisas. Depois de um ano que o Paulo Bruscky estava trabalhando com isso, foi que eu me interessei. Aí eu fiz muita coisa. Ele tinha feito a I Exposição de Arte Correio com o Ypiranga Filho no Hospital Agamenom Magalhães, em 1975. Em 1976, montamos a II Exposição no próprio prédio*



Fotos relacionadas com a matéria:



O cabo Santiago trabalhando. Salvador-BA, 1964.



O cabo Daniel Santiago (O primeiro da esquerda, de pé) com outros colegas, com roupa civil, em Salvador-BA, 1972. O último da direita, agachado é Condesmar de Barros (De saudosa memória), filho do Rio Grande do Norte, um performer nato, foi com ele que Daniel Santiago aprendeu a entrar no mar de roupa e tudo, para 40 anos depois inventar “O Velho Ernest Hemingway e o Mar do Recife”.



Daniel Santiago trabalhando com solda a oxigênio no Curso de Escultura do Festival de Inverno de Ouro Preto, 1973 (Olha as botas)



A Equipe Bruscky & Santiago no Festival de Inverno de Ouro Preto-MG-1973



Daniel Santiago no Festival de Inverno de Ouro Preto-MG, 1973. Da esquerda para a direita: Professor de escultura Décio Moura, um escultor mineiro, a atriz Tereza, Daniel Santiago com a tal japona, Paulo Bruscky ao fundo e a atriz Tania Ramalho.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

SECRETARIA DE ASSUNTOS ESTRATÉGICOS

Em conformidade com a Ordem de Serviço nº 049 de 16 ABR 90, da Secretaria de Assuntos Estratégicos, e em atendimento a requerimento de **DANIEL LIMA SANTIAGO**, datado de 10 NOV 91, declaro que nos arquivos em poder desta Secretaria há registros sobre fatos e situações com as seguintes indicações a respeito do requerente:

**DANIEL LIMA SANTIAGO**, brasileiro, casado, Jornalista, filho de **SALATIEL SANTIAGO** e **MARIA RODRIGUES SANTIAGO**, nascido aos 28 ABR 39, em Garanhuns/PE, portador da Carteira de Identidade nº 410.576 - SSP/PE e inscrito no CPF sob o nº 081.529.344-53.

Em 28 AGO 76, foi arrolado na Investigação Policial Preliminar (IPP) nº 28/76, instaurada pela Superintendência Regional do Departamento de Polícia Federal de Pernambuco, a fim de apurar a existência de postais e panfletos, tidos como de conotação política, os quais seriam exibidos durante a "Exposição Internacional Arte-Correio", que realizar-se-ia em Recife/PE, no dia 27 AGO 76. À época, prestou declarações naquela Superintendência, abordando, dentre outros aspectos, aqueles relacionados à sua vida pregressa e à citada exposição. Entretanto, após a análise dos autos, apurou-se que as provas não eram suficientes para permitir o prosseguimento da ação penal. Não constam maiores dados sobre o assunto.

Nos meses de ABR/MAIO 88, integrou a Comissão Organizadora do Concurso denominado "Tortura Nunca Mais", instituída pela Prefeitura de Recife/PE com o objetivo de escolher o desenho de um memorial que seria erguido no centro da cidade, em homenagem aos "mortos e desaparecidos pela ditadura".

É o que se contém arquivado neste Órgão, até a data do referido requerimento.\*\*\*\*\*

BRASÍLIA, DF, 18 de maio de 1992

*Sebastião Nunes*  
SEBASTIÃO NUNES  
Assessor

